

Tribuna da Luta Operária

Nº 28, ANO II, DE 29 DE NOVEMBRO A 13 DE DEZEMBRO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 15,00

Nordeste ao Deus dará



Sertanejos cearenses se manifestam exigindo trabalho, comida e terra

Figueiredo diz que só Deus pode tirar o Nordeste da seca e da miséria. Mas não fala dos milhões que o governo entrega aos ricos fazendeiros, enquanto a diária do trabalhador não dá para um quilo de feijão. A seca está na página 8.

EXCLUSIVO



Advogado do Araguaia fala da Guerrilha

Pág. 3

PROFESSORES VÃO À GREVE EM TODO PAÍS

É a resposta ao massacre salarial. Pág. 8.



Assembléia de docentes de Alagoas vota pela greve

Tubarão parou

Oito mil operários da construção civil em greve no Espírito Santo. Leia na página 4

Preparando o Congresso

Sindicatos também estão na luta contra a carestia

Última página



Ato pela Constituinte em São Paulo, um dos muitos que marcaram 15 de Novembro

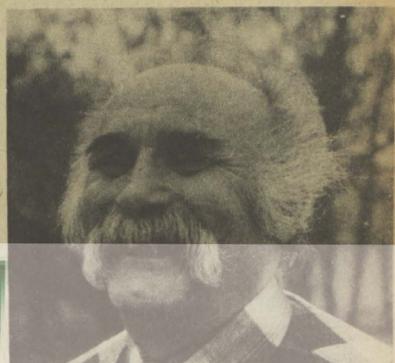
Uma luta do povo contra o governo da fome e da opressão

Começou a campanha pela Constituinte

Em memória de Arruda

"Não se pode pedir um minuto de silêncio em memória de Diógenes Arruda, por que ele representava a vida, a fé e a esperança. Deveríamos então pedir um minuto de alegria e de luta". Com essas palavras Idíbal Piveta, advogado trabalhista, abriu o ato em memória de Diógenes Arruda Câmara, dirigente proletário, realizado na Associação Brasileira de Imprensa de São Paulo por motivo do 1º aniversário de sua morte. Cerca de 150 pessoas compareceram ao ato, depois de prestarem uma singela homenagem a Arruda no cemitério São Paulo. Estiveram presentes representantes da UNE, da ULE-SP, do Comitê Brasileiro de Anistia, do Movimento Contra a Carestia; personalidades democráticas como Paulo Schilling, Maria Nilde Mascelani, Marcos Gomes e Clovis Moura, além de dirigentes do Partido Comunista do Brasil.

Falando em nome dos familiares: Teresa, companheira de vida e de luta de Arruda por mais de 18 anos destacou que "não se pode compreender Diógenes fora de seu partido. Ser esposa, filha de um dirigente revolucionário como ele não é fácil, mas é também uma honra e uma responsabilidade".



O ato foi encerrado com uma intervenção de João Amazonas, que destacou as qualidades de Arruda como organizador, homem de Partido e seu fôlego inabarcável, inflexível diante do inimigo de classe.

Editorial

Atenção! querem roubar o povo nas urnas em 82!

Depois de muitas manobras, o regime militar foi forçado a aceitar as eleições diretas para os governos estaduais. Comentando a aprovação da medida, o general Figueiredo disse cinicamente que agora é preciso estudar "a forma" como serão realizadas as eleições. Com medo do voto popular, os generais planejam uma forma de mudar as regras do jogo para impedir a vitória da oposição democrática.

* Isolados e odiados pelo povo, os militares cada dia encontram maiores dificuldades para se manter no governo. No terreno eleitoral, concentram suas atenções em segurar a maioria governista no Congresso Nacional. Mas com as manobras que fazem criam atritos nas suas bases estaduais e correm o risco de perder a votação nos principais centros políticos, ficando sem condições práticas de governar.

O governo já percebeu que se fizer eleições será amplamente repudiado nas urnas. E essa derrota seria desastrosa para seus planos continuistas, abrindo uma brecha perigosa na fortaleza do regime.

Encontrando dificuldades para eliminar as eleições, o Planalto planeja restringir as condições eleitorais da

oposição. Seus teóricos quebram a cabeça para forçar uma farsa eleitoral, com cartas marcadas, para assegurar de qualquer forma a maioria governamental.

* O que a experiência mostra, mais uma vez, é que não se pode esperar nenhuma transformação democrática enquanto inimigos provados da democracia estiverem no poder. Se por um lado é necessário manter a pressão em favor de eleições livres e diretas em todos os níveis, inclusive para a presidência da República, o que está na ordem do dia são grandes movimentos de massa, para colocar nas mãos do povo as rédeas do país. Sem liquidar o regime militar e conquistar a liberdade política, não se pode garantir a solução de nenhum dos problemas do povo.

* A experiência mostra também que as forças capazes de criar um novo regime, de progresso e liberdade, forjam na prática a sua unidade. Em todos os terrenos, nas ruas, nas fábricas, nas fazendas, nas escolas, o povo aprende a enfrentar e vencer os seus opressores. Também na frente eleitoral, o povo há de se preparar para desmascarar as novas manobras tramadas nos bastidores do Planalto.

ELEIÇÕES PARA UNE

Deu "Viração" na UNE

Nos dias 12 e 13 de novembro, 400 mil universitários deram uma lição de democracia e elegeram a nova diretoria da União Nacional dos Estudantes, UNE.

A chapa **Viração** venceu com uma diferença de 13 mil votos para sua concorrente mais próxima, **Voz Ativa**. A chapa foi vitoriosa em 11 Estados e tirou segundo lugar em oito, saindo portanto bastante fortalecida em todo o país. Vale ressaltar o exemplo de Alagoas, onde **Viração** teve 36 vezes mais votos do que a segunda colocada.

Por outro lado, em São Paulo, talvez por euforia precipitada da vitória, ou mesmo por uma compreensão limitada da importância da UNE e de suas eleições, os defensores da chapa se descuidaram da campanha e permitiram com isso que sua concorrente **Voz Ativa**, mesmo representando correntes políticas minoritárias no Estado, tivesse maior número de votos.

VIRAÇÃO NA CABEÇA

No resultado final, **Viração** ficou em 1º com 123 mil votos; **Voz Ativa** em 2º com 110 mil; **Unidade** em 3º com 50 mil; **Nosso Tempo** em 4º com 46 mil e **Mobilização Estudantil** na lanterninha com 26 mil.

A vitória de **Viração** não foi só na UNE. Ela saiu fortalecida nas eleições que se realizaram em todo o país para os diretórios centrais (DCE) e para uniões estaduais (UEE). Assim, chapas que apoiam **Viração** venceram as eleições para os DCEs da Universidade Federal da Bahia, da Paraíba e Juiz de Fora (MG). Venceram também nas UEEs do Paraná, Rio de Janeiro e Pernambuco. Acrescenta-se a isso que essas correntes de opinião já têm importante participação nas UEEs do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Assim, a nova diretoria da UNE toma posse com uma sólida base de apoio de norte a sul do país.

ALGUNS PROBLEMAS

Apesar das eleições terem sido uma vitória, elas também trouxeram problemas para o movimento estudantil brasileiro. A verdade é que as energias, do estudando se

dispersaram na campanha eleitoral e não foram empenhadas nas lutas imediatas deliberadas no Congresso de Piracicaba. Os universitários praticamente não participaram do dia de luta pela Constituinte e quase não organizaram a nível nacional o dia de luta pelos 12%. Por fim, o total de votantes excedeu em apenas 30 mil o do ano passado. Se lembrarmos que a greve dos três dias em setembro conseguiu a adesão de um milhão de universitários, veremos que o caminho para a UNE se tornar reconhecida como poderoso instrumento de luta dos estudantes é o da mobilização em torno de um programa amplo e combativo. É ilusão pensar que a simples eleição nas escolas pode tornar a entidade representativa. A experiência de dezenas de anos de luta já demonstrou que a estrutura da UNE com eleição em Congresso de uma diretoria para levar à prática a política aprovada, é a mais adequada e na verdade a mais democrática.

A PROPOSTA MAIS COMBATIVA

A razão do sucesso de **Viração**

Estados	Viração	Voz Ativa	Unidade	Nosso Tempo	Mob. Estud.	Branços	Nulos
Acre	176	171	10	15	212	12	12
Amazonas	1.481	91	457	977	59	64	88
Pará	3.320	5.085	143	49	69	158	215
Maranhão	492	824	116	2.089	103	65	98
Piauí	934	809	33	59	56	80	73
Ceará	5.714	5.855	187	90	401	244	256
R.G. Norte	1.489	2.081	1.210	89	189	344	400
Paraíba	5.156	2.499	1.169	1.608	516		
Pernambuco	11.721	946	2.632	3.999	1.481		
Alagoas	5.775	48	34	160	63	54	112
Sergipe	402	2.004	222	402	96	139	114
Bahia	6.384	5.673	877	334	554	476	717
Dist. Federal	1.787	3.627	2.268	524	1.128	680	219
Goiás	3.380	613	3.377	59	827		
M. Grosso Norte	920	600	37	684	77	59	61
M. Grosso Sul	175	1.130	881	70	844		
Minas Gerais	5.882	13.872	2.737	21.937	1.921		
Espir. Santo	1.400	1.314	526	1.259	226	221	250
Rio de Janeiro	17.510	14.942	16.313	1.952	1.959	1.497	1.802
São Paulo	27.730	31.298	8.332	2.661	12.657	5.290	3.254
Paraná	12.693	7.022	1.911	472	821	1.071	551
Sta. Catarina	1.640	1.272	3.248	263	454	182	149
R. Gde. do Sul	7.239	8.481	3.738	6.374	2.224	1.923	1.079
TOTAL	123.405	110.257	50.458	46.126	26.937		22.009
PORCENTAGEM	33%	29%	13%	12%	7%		6%

TOTAL DE VOTOS - 379.912

Protesto dos motoristas contra os assassinatos

Feira de Santana, BA — Nas primeiras horas do dia 7 de novembro os motoristas de táxi entraram em greve de protesto contra o assassinato de dois motoristas em apenas uma semana, sem que as autoridades tomassem qualquer providência.

O movimento foi desencadeado após o assassinato do jovem motorista Luiz Carlos, de 22 anos, no dia 6. Indignados e descrentes da polícia, os motoristas iniciaram a greve para repudiar o crime e exigir garantias de segurança para continuar trabalhando.

A polícia de Feira de Santana respondeu à ação dos motoristas com repressão, atirando bombas de gás e distribuindo acetadas na multidão que exigia a prisão do assassino, o marginal "Curio". Também uma viatura do corpo de bombeiros foi ativada para reprimir o povo com jatos de água. Na ocasião vários políticos do PDS com-

receram ao local da manifestação e foram recebidos com vaias e gritos pelo povo, que dizia: "Chega de manobra, abaixo a repressão!"

O Sindicato dos Taxistas participou da manifestação através do presidente e outros diretores da entidade, que tentaram negociar com a polícia a realização da manifestação, sem no entanto lograrem êxito.

De tudo isso os motoristas de táxi tiraram uma lição: só com a união da categoria conseguirão força para conquistar melhores condições de vida e trabalho e uma entidade de classe que realmente defenda os interesses da maioria da categoria. A outra é que não existe nenhuma razão para confiar na polícia e no PDS, principalmente quando a Bahia é governada por Antônio Carlos Magalhães. (Do Correspondente).

É hora de ler

O imperialismo e a revolução

O livro de Enver Hodja é uma poderosa arma nas mãos dos trabalhadores, em defesa de seus interesses fundamentais

Pedido de compra

Nome:
Endereço:
Bairro: Estado:
Cidade: CEP: Fone:

Estou enviando o cheque nº no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda., rua Beneficência Portuguesa, nº 44, sala 206, SP - CEP 01033

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome:
Endereço:
Bairro: Cidade:
Estado: CEP: Fone:

Estou remetendo um cheque de Cr\$ 500,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. - Banco Itaú - Agência Jaceguai - conta nº 03154 São Paulo - Capital.



Caravana do Hospital São Paulo em frente o Congresso Nacional

Caravana à Brasília

São Paulo, SP — Os estudantes, médicos-residentes, pós-graduados e funcionários do Hospital São Paulo obtiveram uma grande vitória na sua luta por melhores condições de funcionamento daquele hospital-escola. No dia 17 o ministro Delfim Netto, perante uma comissão de cinco pessoas, prometeu atender às suas reivindicações.

Os médicos-residentes do hospital S. Paulo deixaram de internar doentes desde o dia 17 de outubro por falta de condições de assistência. No dia 31 daquele mês todo o atendimento do pronto-socorro parou pelos mesmos motivos. Diante desta situação foi decidida a ida em massa à Brasília para exigir verbas para o funcionamento do hospital até janeiro e que a partir daquele mês o Ministério da Educação e Cultura

(MEC) assumisse a folha de pagamento dos seus funcionários.

A 12 de novembro uma caravana de 110 pessoas do Hospital S. Paulo estava na esplanada dos ministérios em Brasília. Iriam entregar um ofício ao ministro da Educação e tentaram entrar em contato com o presidente da república. Diante do Palácio do Planalto o serviço de segurança da presidência impediu que se aproximassem do palácio.

No dia seguinte todos os partidos políticos fizeram pronunciamentos a favor das reivindicações dos membros da caravana. Todos os participantes do movimento concordam que a vitória foi graças à mobilização que houve. E isto poderá servir de exemplo a muitos outros hospitais-escolas que se encontram na mesma situação.

Princípios

Aguarde para breve o lançamento de Princípios, uma revista teórica, política e de informação a serviço da propagação do socialismo científico no Brasil

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira
Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar

Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, capital - CEP 01325
Tel. 36-7531.

Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11 s/307 - Lapa - CEP 20241; Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial - Contagem - CEP 30000; Bahia:

Favelas: abandono e miséria

No início de novembro, o ministro Delfim Netto anunciou mais um "pacote" de medidas econômicas, que virá beneficiar somente os grandes tubarões. Entre outras coisas, os preços de vários produtos foram liberados e os preços dos alugueiros deverão dobrar a partir do próximo ano. Muitos trabalhadores



Moradora de uma favela de Guarulhos - SP

assalariados, que já vivem na penúria, depois destas medidas anti-populares, estão vendo como única alternativa mudar para as favelas.

Com o empobrecimento da população, aumento do custo da habitação, desenfreada especulação imobiliária, um número cada vez maior de pessoas está se transformando em favelados. Os dados estatísticos provam isto. Enquanto a população de São Paulo cresceu 5% ao ano na última década, o número de favelados cresceu anualmente 31%.

TRABALHADOR NA FAVELA

Com o arrocho salarial levado à prática pelo regime militar, o número de favelas cresceu assustadoramente. Em 1964, na cidade de São Paulo havia apenas seis favelas e este ano já são mais de 1.200, com 1,5 milhão de favelados. Santo André, S. Bernardo e Diadema, onde se concentram as maiores indústrias automobilísticas do país, de três favelas

em 64, passaram para 157 em junho deste ano, com 200 mil favelados.

A antiga imagem do favelado como sendo um marginal e vagabundo mostrou-se completamente falsa; 94% dos moradores em favela acima de 18 anos são trabalhadores. Geralmente os baixos salários é que levam a esta situação. Segundo dados do Ministério do Trabalho, 60% da mão-de-obra empregada em São Paulo em 1979 (3,3 milhões de pessoas) ganhavam até três salários mínimos. No Rio de Janeiro esta proporção sobe para 64% e em Minas Gerais chega a 73%. Se a nível geral os salários são irrisórios, para os trabalhadores favelados são menores ainda.

UMA MÁ ALIMENTAÇÃO

Com a carestia de vida o prato do favelado está ficando cada vez mais vazio. Carne, verduras, frutas e principalmente leite já se transformaram em artigos de luxo. Mesmo a típica dobradinha "arroz com feijão", está

ficando proibida para os mais pobres. Num barraco da favela Nossa Senhora Aparecida (onde a industrial Maria Pia Matarazzo quer se apoderar do terreno), um morador de um barraco afirma que já substituiu o feijão pelo macarrão. E diz que outras famílias só estão comendo arroz puro.

Mas, por outro lado, os favelados começam a se organizar para lutar por seus direitos. Diversas favelas já conseguiram ligação de luz e água, depois de fazerem abaixo-assinados, assembleias e passeatas até a Light e a Prefeitura. Planos oficiais já foram criados, mas sem mexer na raiz do problema, que são os baixos salários e a especulação imobiliária dos terrenos. O "Pró-Morar" por exemplo, pretende financiar casas de 121 mil cruzeiros a serem pagas em 25 anos. Mas o que eles não explicam é onde o favelado irá conseguir dinheiro para comprar o terreno — avaliado atualmente em dois mil cruzeiros o metro quadrado.

VIDA MUITO DIFÍCIL

Um metalúrgico aposentado, morador de uma favela na Pontê Rasa, zona Leste de São Paulo, diz que a vida do favelado é muito difícil: "Quando chove a gente não pode sair do barraco por causa do barro e quando faz muito sol a gente tem que ficar fora do barraco por causa do calor". Para se sair desta dificuldade há necessidade de se mudar o regime político e o trabalhador sabe que somente organizado ele terá condições de exigir seus direitos e contribuir para a instalação de um governo democrático e de unidade popular. (Domingos Abreu)

Arbítrio condena professor

Linhares, MG — No dia 17 de abril, exatamente 4 dias antes da ida do general Figueiredo a Ouro Preto — se iniciava mais uma trama do regime militar. A casa do professor e engenheiro David Maximiliano de Souza era invadida por agentes da polícia federal, que afirmaram nela ter encontrado materiais explosivos.

No dia 16 de junho o professor prestou depoimento na Auditoria, quando teve o pedido de prisão preventiva negado pelo Conselho Permanente de Justiça. Um mês depois,

este mesmo Conselho voltava atrás e acatava o pedido de prisão preventiva. Em 15 de julho David foi transferido para a Penitenciária de Linhares, Juiz de Fora, passando a ser o primeiro preso político brasileiro desde a promulgação da Lei de Anistia. E seu julgamento foi marcado para o dia 6 de novembro.

Seus advogados de defesa, Idíbal Almeida Fiveta e José Machado de Souza, declararam por diversas vezes acreditar na absolvição de David, "porque não há nenhuma prova contra ele e sua absolvição virá de

encontro à tão propalada abertura, marcada até agora mais por palavras do que por atos". O julgamento iniciou-se às 8:30 hs. da manhã e às 17:30 horas foi lida a sentença: condenado a 1 ano de prisão por incursão no artigo 43 da Lei de Segurança Nacional, que se refere a material explosivo.

Aos gritos de liberdade, o público acompanhou o julgamento, manifestando sua indignação com o resultado. Mais um ato de arbítrio da ditadura militar acabava de perpetrar-se. (Da sucursal)



Pressão

São Paulo, SP — O grupo Oficina vem liderando um movimento de popularização do teatro e de protesto contra o boicote generalizado do governo à classe teatral. Segundo relata um dos membros do grupo "Abracadabra" (que está levando a peça *Onde Está?* sobre a guerrilha do Araguaia), o governo suspendeu a subvenção que concedia aos grupos teatrais profissionais. Em decorrência, os atores estão impossibilitados de vender ingressos a preços populares. O grupo Abracadabra, além disso, vem sofrendo provocações por parte da polícia. Ainda recentemente 2 policiais armados entraram no teatro, tentando a todo custo causar tumulto.

O grupo do Oficina, contando com a adesão de diversos outros grupos profissionais, vem realizando apresentações de peças na frente do teatro gratuitamente, para atrair o público. E vem liderando um movimento de arrecadação de fundos para a compra do Teatro Oficina, que está sob risco de ser vendido a Sílvio Santos. Com vistas a arrecadar verbas, vaizer realizado um show no dia 30, no ginásio Ibirapuera, às 16 horas, com a presença de grandes nomes da música popular brasileira.

Advogados

Jequié, BA — Os advogados de Jequié decidiram manifestar publicamente seu repúdio às interferências de setores estranhos ao Judiciário nas atividades forenses da cidade. Isto porque o Cartório do Registro de Imóveis do 2º Ofício, criado há 14 anos, não conseguiu a sua instalação, devido a pressões políticas locais. Com isto visam beneficiar o titular do Cartório do 1º Ofício. (Da sucursal)

Aniversário

Campina Grande, PB — Dia 25 de outubro foi realizado a festa de aniversário da **Tribuna**. Marcaram presença na festa cerca de 15 entidades, entre as quais o Comitê Trabalhista e o Setor Juvenil do PMDB. Associação de Docentes da UFPB, CG, jornais da imprensa alternativa e diversas entidades estudantis. Estiveram presentes na festa populares e operários dos bairros vizinhos, além de democratas, merecendo destaque o anúncio da presença do Grupo de Amigos do TO do bairro Zé Pinheiro. (Do correspondente)



CCO-Bahia

Salvador, BA — No próximo dia 5 de dezembro será realizado em Salvador o ato de lançamento oficial do Centro de Cultura Operária - CCO, ocasião em que será empossada a diretoria eleita na assembleia realizada no último dia 7, no Sindipetro. Nesta ocasião foi eleito para a presidência da entidade o operário Hilário de Jesus Leal. O ato de lançamento do CCO contará com a presença do deputado João Amazonas, velho militante sindical que há mais de 40 anos dedica sua vida em prol da classe operária. Amazonas foi um dos fundadores e dirigente do Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT) e da Confederação dos Trabalhadores do Brasil. (Do CCO-Bahia)

PMDB-Alagoas

Maceió, AL — Operários de trabalhadores em geral estão organizando em Maceió o Movimento Trabalhista do PMDB, visando fortalecer o apoio à luta dos trabalhadores pelo atendimento de suas reivindicações e pela livre organização. Todas as quartas-feiras, cerca de 40 pessoas se reúnem na sede local do PMDB e já aprovaram um documento onde destacam os problemas mais sentidos dos trabalhadores de Alagoas e do país. Ao mesmo tempo, várias trabalhadoras, estudantes e donas-de-casa se reúnem todas as segundas-feiras, para organizar o departamento feminino do PMDB, objetivando participar, a nível partidário, da organização da mulher na luta contra a discriminação que o sexo feminino sofre no trabalho, em casa e em toda a sociedade. (Da sucursal)

R. Padre Vieira, 5 - s/307 - Salvador - CEP 40000; Pernambuco: R. 7 de Setembro, 42 - andar - s/707 - Recife - CEP 50000; Rio Grande do Sul: Rua Camará, 52 - s/29 Centro - Porto Alegre - CEP 90000; Ceará: R. do Rosário, 315 - s/206 - Fortaleza - CEP 70000; Espírito Santo: Av. Jerônimo Monteiro, 352, s/5 Vitória - CEP 29000; Alagoas: Rua Fernandes Cabral, 43 - s/05 - Maceió - CEP 57000; A **Tribuna Operária** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressão: Cia. Editora Jorubs, rua Gastão da Cunha, 49 - fone: 531-8900 - SP.

A GUERRILHA
REDESCOBERTA

Um mundo secreto

O povo apoiou os guerrilheiros do Araguaia. E há indicadores seríssimos de uma participação de amplas massas na luta armada que agitou o Sul do Pará entre 1972 e 1975. Está a conclusão de Paulo Fonteles, advogado dos posseiros na região, numa série de artigos exclusivos para a **Tribuna Operária**, onde revela os dados que recolheu em dois anos e meio de trabalho.

Desde 1978 que trabalho e vivo no sul do Pará. Fui contratado como advogado pela Comissão Pastoral da Terra para defender os posseiros de toda a região. Além de todas as preocupações de que era tomado — aprender a advogar posseiro, ligar-me estreitamente à população, fugir do juridicismo, defender-me dos pistoleiros — outra me acudia: a Guerrilha do Araguaia!

A PRIMEIRA DESCOBERTA

Fui dos primeiros a tomar conhecimento dela, ainda em maio/junho de 1972. Eu, naquele tempo, estava preso no PIC (Pelotão de Investigações Criminais) da Polícia do Exército, em Brasília. Numa tarde, percebi a presença de um novo preso, na cela vizinha. Com voz sussurrada, perguntei-lhe o nome, motivo da prisão, estado de saúde. Era Eduardo, fora preso por ligação a um movimento guerrilheiro no Pará, na Transamazônica, e estava sendo muito torturado.

Naqueles tempos terríveis de destruição sistemática de toda resistência ao fascismo de Garrastazu, a notícia de um movimento guerrilheiro forte, logo no meu Pará, causou-me uma emoção extraordinária. De noite, comecei a "irradiar" a notícia para o resto do país, utilizando os métodos que só os presos conhecem. Nos dias seguintes, o PIC se encheu de gente do Araguaia: Luiza, Yoko, uma dezena de camponeses, e finalmente Genoino Neto, que eu já conhecia de uma reunião da UNE em 1969.

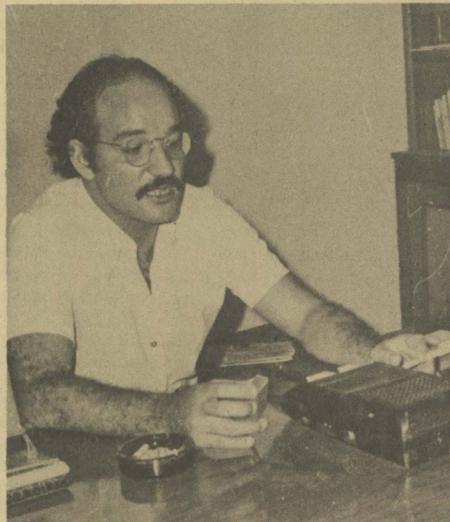
Em junho do ano passado, na Bahia, reencontrei Genoino. Reencontro emocionante, de antigos com-

panheiros de luta estudantil e de cadeia. Abraçamo-nos e tiramos a tarde para conversar.

"UM FOCO BEM MONTADO"

Lembro-me perfeitamente: estávamos próximos do elevador Lacerda, debaixo de uma marquise, chovia a cântaros. Cuidadosamente, como pisa em terreno minado, disse-lhe, conclusivo: "Genoino, com todo o respeito que merecem os camaradas que tombaram no Araguaia, aquilo foi um foco. Muito bem montado, refinado, mas um verdadeiro foco, sem tirar nem por!"

E passei-lhe meus dados: "Genoino, eu estou há mais de ano no Araguaia, pesquisando a Guerrilha, mas quase nada se sabe a respeito. Pelo que consegui levantar, a massa não teve nenhuma participação, nem sabe das motivações da luta. E



Paulo Fonteles, o advogado do Araguaia, no seu escritório em Conceição

pior, foram os próprios camponeses que entregaram a maioria dos guerrilheiros, como na Bolívia, com Guevara. O povo foi um mero espectador da luta entre as Forças Armadas e os militantes do Partido Comunista do Brasil!"

APOIO E PARTICIPAÇÃO

Hoje, um ano e meio depois, minha compreensão inverteu-se completamente. Tenho absoluta certeza de que a Guerrilha do Araguaia teve apoio da massa camponesa da região. E mais: há indicadores seríssimos de que a Guerrilha teve apoio e participação das amplas massas.

Esta descoberta iniciou-se na medida em que ia aprofundando meus contatos com a luta dos posseiros, ia conseguindo-lhes a confiança, ia penetrando no mundo secreto e perigoso da guerrilha. E tornou-se mais densa com a recente "caravana" dos familiares dos mortos e desaparecidos do Araguaia, que percorreu a região.

QUASE TUDO POR SABER

Recordando esses dois anos e meio de pesquisas, na área, acodeme à lembrança um morador da cidade da Vigia, a cem quilômetros de Belém, que ainda tinha medo de falar sobre a **Cabanagem**, uma revolta que ocorreu em 1831, no tempo do Império. Entrevistado 150 anos depois, esse morador ainda temia falar.

Para penetrar fundo na história da Guerrilha do Araguaia é preciso primeiro conquistar a total confiança da massa camponesa da região. E isso só vem com a integração na sua luta, hoje.

No mais, quantos jornalistas aparecerem, a resposta vai ser a mesma: ninguém viu nada, ninguém sabe de nada, ninguém participou de nada. Todavia, tudo, ou quase tudo, ainda está por ser revelado!

Próximo artigo: o trabalho de preparação da Guerrilha e os camponeses.



Acima, o orador do PC do Brasil fala aos manifestantes no Rio; ao lado, cena do ato do dia 15 em SP



Luiz Carlos Lima

CONSTITUINTE LIVRE E SOBERANA

Começou a campanha

A combatividade, o caráter nacional e em geral unitário e a composição às vezes bastante popular, que foram aspectos positivos, contrastaram com pontos débeis nas manifestações do 15 de Novembro contra o adiamento das eleições e pela Constituinte livre e soberana. A participação foi pequena, muito menor do que seria necessário e possível. Muitas forças na prática cruzavam os braços. Abaixo, um resumo do 15 de Novembro em diversas cidades do Brasil.

Rio de Janeiro. Duas mil pessoas presentes na Cinelândia, convocadas por um comitê que na prática é um embrião de um Comitê da Constituinte no Estado. Um fato novo: falou um orador em nome dos comunistas, que lutam pela liberdade para o PC do Brasil. Calorosamente aplaudido, ele disse que "é preciso colocar nas mãos do povo os destinos do país, liquidando o regime militar". Os estudantes, envolvidos com as eleições da UNE, participaram pouco, como em todo o Brasil, mas foi marcante a presença popular.

São Paulo. "Nossa Constituinte é a liberdade, a da panela cheia de arroz, feijão e carne", disse Maria Saraiva, do Movimento Contra a Cestaria, bastante aplaudida por um público de mil pessoas. Falaram também Ulisses Guimarães, Orestes Quércia, Aurélio Peres, representantes do PDT, do PP, da Unidade Sindical e da UNE, entre outros. Em Sertãozinho, no interior paulista, outro ato reuniu 300 pessoas.

Salvador. Além dos partidos de oposição, 14 entidades co-patrocinaram o ato, presenciado por 300 pessoas. Destacou-se na preparação a firmeza do deputado cassado, Luiz Leal, presidente do PMDB baiano.

Maceió. Centenas de pessoas acorreram ao ato onde o senador Teotônio Vilela frizou que "a Assembléia Nacional Constituinte é a única saída para a crise político-econômica do Brasil".

Campina Grande, PB. Cerca de mil pessoas se concentraram no bairro proletário da Liberdade. O superintendente da polícia local, cel. João Farias, vulgo "Meu Bem", pilhado com um gravador escondido, foi escorraçado do ato, em que surgiu a proposta de formar um Comitê Pró Constituinte.

Natal. As palavras de Figueiredo no Rio Grande do Norte, de que só Cristo poderia ajudar os nordestinos, foram firmemente repudiadas por cerca de cem moradores reunidos no bairro popular de Mãe Luiza.

ELEIÇÕES 1982

A batalha dos nomes

Se depender dos políticos tradicionais, toda a vida política brasileira nos próximos anos vai girar em torno dos nomes para os governos estaduais. E este foi, sem dúvida, um dos motivos que levaram o general Figueiredo a enviar ao Congresso a emenda constitucional recém-aprovada, restabelecendo a eleição direta dos governadores. O debate da crise brasileira e suas soluções tende a unir a oposição e favorece as lutas de interesse do povo. Já a discussão precipitada em torno de nomes leva à divisão, com cada grupo puxando a brasa para a sardinha do seu candidato, e ao chamado fisiologismo, ou seja, a troca dos ideais políticos pelo direito a uma fatia de poder. É o que o governo quer.

Por outro lado, Figueiredo disse que ainda vai mudar as regras do jogo eleitoral, naturalmente inventando novos truques para tentar impedir a derrota do governo nas urnas. E há ainda o risco do regime voltar atrás na decisão, como já aconteceu em 1970, 1974 e 1978, retornando ao sistema da nomeação dos governadores.

Há quem ache que nem é bom falar nisso, para não favorecer os inimigos das eleições diretas. Mas os precedentes mostram uma linguagem franca com o eleitorado, inclusive para mobilizar forças em defesa das eleições, que não são nada seguras mas poderão ajudar o avanço da democracia e das forças do povo.

Tarefa para milhões

Começou a campanha pela convocação da Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana. As manifestações do 15 de Novembro foram apenas o sinal de partida. Falta agora o mais difícil: levá-la avante, em ritmo de campanha, até a vitória.

MILHARES NÃO BASTAM

Participaram do 15 de Novembro, em todo o país, alguns milhares de pessoas; para a campanha pegar realmente, terão que ser milhões.

E o trabalho já feito mostra que esta luta tem enorme apelo popular. Não é difícil o trabalhador entender que está na hora de mudar as regras do jogo, trocando as leis e o governo dos militares por outras leis e outro governo, que obedecem à maioria.

A pregação da Constituinte sensibiliza, sempre que é para valer e utiliza formas audaciosas e acessíveis, debates, palestras, artigos, panfletos, versos, cartazes, quadros e muitas outras.

POR BAIXO E POR CIMA

Além do povo propriamente dito, outros setores sociais e políticos têm interesse na luta pela Constituinte. Praticamente toda a oposição está unida neste particular. Mas naturalmente nem tudo são rosas. Os opositoristas conservadores encaram a Constituinte à sua maneira, conservadora, os liberais, à moda liberal e assim por diante. Ainda às vésperas do 15

de Novembro, desavenças desse tipo impediram o PMDB, o PDT e o PP de lançar um manifesto conjunto sobre o tema.

Do ponto de vista do povo trabalhador, interessa ganhar o maior número de forças para a campanha pela Constituinte livre e soberana, sem discriminações. Interessa porque isto isola o regime ilegítimo. E também porque a unidade por cima facilita a unidade por baixo, das grandes massas insatisfeitas. Por outro lado, acontece também o inverso: quanto mais gente se mobiliza por baixo, mais fica fácil achar uma linguagem comum por cima e conseguir um engajamento maior de todas as forças oposicionistas.

PT TEM QUE OPTAR

Isto vale também para o PT. Até hoje ele adota uma posição indefinida: diz que não é contra, mas sem se colocar a favor.

Posições mais avançadas, como a do deputado José Eudes, que falou no ato do dia 15 no Rio, são ainda isoladas.

Agora o PT vai ter que definir-se. E a criação de uma ampla unidade por baixo, incluindo as bases do PT, ajudará a forçar uma definição mais combativa.

A campanha da Constituinte é um imenso desafio colocado diante do povo. Os próximos meses dirão se as forças saberão compreendê-lo e vencê-lo. (Bernardo Joffily)

Fortaleza. Comícios nos bairros, dramatizações e debates dinamizaram a campanha, que reuniu mais de 2 mil pessoas na Praça José de Alencar dia 14. Presentes o PMDB, PP, PDT, metalúrgicos, bancários, estudantes, associações de bairros etc.

Belo Horizonte. Apenas cem pessoas concentraram-se dia 15, diante da Igreja de São José, num ato que não contou com o apoio do conjunto das forças que se dizem interessadas na Constituinte.

Goiania. Também enfrentando resistências inclusive dentro do PMDB, os goianos reuniram 300 pessoas sob o patrocínio do Núcleo Pela Constituinte do Parque das Laranjeiras. Falaram Iris Rezende, Aldo Arantes e Ademair

Santillo, este frizando que "Constituinte com Figueiredo é traição".

Brasília. Vários parlamentares e 150 pessoas homenagearam com um minuto de silêncio a memória dos brasileiros vítimas da ditadura.

Paraná. Presença bem mais significativa que a média, não só em Curitiba (1.500 pessoas), mas sobretudo no interior. Cambé reuniu 1.200 manifestantes; Campo Mourão também; em Toledo foram quase 2 mil e houve atos públicos também em Maringá, Paranavaí e Londrina.

Porto Alegre. Os atos públicos na Praça da Alfândega (500 pessoas) e no município proletário vizinho de Cachoeirinha destacaram-se por contar com presença de representantes do PT, que nos demais Estados omitiu-se.

ROCKEFELLER E WALTERS NO BRASIL

Visitas indesejáveis

David Rockefeller é banqueiro, líder de um dos maiores grupos capitalistas dos Estados Unidos e do mundo. De cada dez dólares que o Brasil deve, um é para o seu banco, o Chase Manhattan, que controla dezenas de empresas "brasileiras". Rockefeller veio dizer ao governo Figueiredo que está chegando a hora de entregar o Brasil ao FMI, ou não haverá mais empréstimos. Já Vernon Walters é general americano, especialista da CIA em matéria de Brasil. Esteve em Brasília e no Rio, praticamente só conversou com generais e secretários. Ao que tudo indica o assunto foi a política interna do Brasil e as relações entre os dois países.

O ponto de unidade entre as duas visitas é que tanto Rockefeller quanto Walters trabalham para o imperialismo americano, o maior ladrão dos povos do mundo. E seguem a linha dura de Ronald Reagan, o homem que se elegeu presidente prometendo baixar o preço



David Rockefeller, o ladrão



Vernon Walters, o espião

para manter os domínios dos Estados Unidos. O imperialismo é como um polvo monstruoso. Estende seus tentáculos pela economia, as finanças, a política, as forças armadas, os meios de comunicação, nas metrópoles e nas nações dominadas, sempre para impor a lei do lucro máximo, que é a lei da selva capitalista. No Brasil, é ele que manda. O banqueiro-ladrão e o espião-general vieram dar ordens.

Na hora da partida, ambos pareciam satisfeitos. O Brasil de Figueiredo está afinado com a vontade da linha Reagan: entreguista, na área econômica, repressivo e antipopular no plano político.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A lembrança de 35

Vinte e sete de novembro é dia do 45º aniversário da insurreição nacional-libertadora de 1935. Mais uma vez, os generais prepararam ordens-do-dia onde abominam a **intenção comunista** e prometem que as Forças Armadas defenderão, a ferro e fogo, a ordem constituída.

É que o movimento de 1935 marcou fundo a consciência nacional. Pela primeira vez a parte oprimida da sociedade — operários, soldados, marinheiros, o povo em geral — colocou de forma prática e consciente o problema da tomada do poder político. Uniu-se a outras forças patrióticas numa frente formada por baixo, a Aliança Nacional Libertadora. Lutou pelo cancelamento da dívida externa, pela nacionalização das empresas imperialistas, pela reforma agrária, pela liberdade, por um governo popular. Entre 23 e 27 de novembro, pegou em armas por estes objetivos, no Rio Grande do Norte, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em Natal, chegou a instalar por três dias um governo popular revolucionário.

QUEM NÃO ENGOLE 1935

Passados 45 anos, o movimento de 1935 continua atravessado na garganta dos generais, que não se cansam de injuriá-lo. Assim como está atravessada a guerrilha do Araguaia, de 1972 a 1975, até hoje um assunto tabu para o regime militar porque revive, num nível mais alto, a tradição de 1935.

É muito natural que a cúpula militar não engula movimentos assim, dada a tradição que sempre marcou as Forças Armadas brasileiras desde o esmagamento das rebeliões do Império. Para os generais, o uso da força é privilégio exclusivo das classes que dominam o aparelho do Estado, e o maior dos pecados consiste em estender esse privilégio aos operários e camponeses.

Menos natural e mais chocante é ver o que diz Giocondo Dias, o **cabo Dias**, ex-chefe do governo revolucionário de Natal. Hoje transformado em secretário geral do PCB, ele renega tudo que fez em 1935, enquanto aconselha os brasileiros a "apostar na abertura" do general Figueiredo. Mas a história das lutas dos povos sempre registra um certo número de deserções desse tipo. E nem por isso deixa de avançar, através de derrotas e vitórias, até a emancipação nacional e social.

FORÇA DO POVO CRESCER

Hoje o Brasil passa por uma fase que tem semelhança com a primeira metade dos anos 30. São tempos de inquietação social e política e grandes movimentos de massas, em que o povo procura o caminho para resolver seus problemas.

O povo, porém, mudou bastante. A classe operária, que já em 1935 esteve à frente da ANL, cresceu muitas vezes, em número, concentração e nível de consciência. Os trabalhadores do campo, que em 1935 ficaram mais ou menos à margem dos acontecimentos, agora se levantam de Norte a Sul pela terra e pelos seus direitos. O duro aprendizado sob o regime militar ajudou a separar melhor os amigos dos inimigos. A luta patriótica e em especial a luta pela liberdade criaram raízes muito mais profundas nos meios populares.

"TODOS NO FOGO"

Amadurecem as condições para uma reviravolta político-social, que dê à maioria hoje oprimida o lugar que ela merece, de dona do poder. E os generais de hoje sabem disto. "Estamos todos no fogo", disse recentemente o general Figueiredo, respondendo a um rico fazendeiro paraibano que se inquietava com a aproximação do dia em que "o que está fermentando aqui em baixo estourar". Nada mais verdadeiro.

GOVERNO CONTRA PADRES

Investida continua

Agora é o padre Reginaldo Veloso, pároco do Morro da Conceição, no populoso bairro de Casa Amarela, Recife, que está na alça de mira da ofensiva do governo contra a Igreja progressista. A Polícia Federal indiciou-o num inquérito, presidido pelo delegado Agildo Soares, o mesmo que esteve à frente do processo de expulsão do padre Vito. O "crime" do padre Reginaldo seria ter composto um hino, **Vito, Vito, Vitória**, que diz: "Onze juizes / Um tribunal / Onze, o Supremo / Coito venal / Onze, a vergonha / Nacional / Pisam o direito / Celebram o mal". No mesmo dia em que se abriu o inquérito, a polícia invadiu a casa paroquial do Morro da Conceição. E o jornal pernambucano **O Povo** foi apreendido por ter publicado na íntegra a letra do hino.

"Junto com o padre Reginaldo estamos todos nós; são acontecimentos como os que vivemos nestes dias que empurram a Igreja mais para frente", foi a reação do povo, expressa numa nota do "Conselho Pastoral dos Altos e Côrregos de Casa Amarela".

(Da sucursal de Recife)

REPRESSÃO AOS ÍNDIOS

Juruna não se cala

"Hoje, pela manhã, Mário Juruna pediu-me uma arma, com que possa defender-se. Ele já prevê, ele já sente a cilada que lhe estão preparando". Com estas palavras o deputado Gilson de Barros, do PMDB de Mato Grosso, denunciou dia 12 na Câmara Federal o que considera ser um plano da extrema direita para eliminar o índio "criador de casos", que se atreve a desafiar o governo e a Funai (Fundação Nacional do Índio).

O fato é que o governo está empenhado a fundo em impedir que Juruna continue sua pregação em favor da demarcação das terras e da defesa das nações indígenas. A Funai vem de proibir o chefe xavante de viajar à Holanda, para participar do Tribunal Bertrand Russell, que o escolheu como presidente e que está julgando os crimes cometidos contra os índios da América. E muitos índios já foram sumariamente liquidados, inclusive este ano, pelas forças interessadas na grilagem de suas terras. O que parece estar ocorrendo é que essas forças e o governo que as protege começam a se incomodar com a repercussão das denúncias de Juruna.

ELEIÇÕES METALÚRGICAS

A situação venceu! Hora de tirar lições

Resultados no Rio, Fortaleza e Pira alertam para as falhas

Terminaram as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. De certa forma o resultado é pouco animador. Em uma categoria de 250 mil operários votaram apenas 10.647. Além disso, venceu a chapa da situação, o que deve representar mais um período de marasmo na diretoria da entidade.

A chapa vencedora somou 5.294 votos (chapa 4), enquanto a chapa do Movimento de União dos Metalúrgicos — MUM — conseguiu 2.750 votos. A chapa 1, formada claramente no sentido de dividir a oposição, conseguiu 1.462 votos, sendo que destes, mais de 800 foram na FIAT. A chapa 3, que pouco se distingue na prática da chapa 4, obteve apenas 626 votos.

LIÇÕES DA CAMPANHA

A campanha eleitoral foi marcada por diversos incidentes que prejudicaram a discussão mais aprofundada dos problemas da categoria. Por exemplo, quando Lula esteve nas portas de fábrica para manifestar seu apoio à chapa 2, teve que fazer um verdadeiro malabarismo para despistar os propagandistas da chapa 4, que em mais de um local impediram o comício com alto-falantes a toda altura. Houve além disso conflitos pessoais, que chegaram a degenerar em pancadaria.

Algumas lições devem ser tiradas desta campanha. De imediato, algumas conclusões já estão claras.

Em primeiro lugar, fica evidenciado mais uma vez que o movimento operário deve voltar sua base principal para a organização dentro das fábricas, dando um sólido respaldo ao Sindicato.

Em segundo lugar, na situação atual, onde o peleguismo e o reformismo aproveitam restrições impostas pelo regime ao movimento popular para se encastelarem nas entidades de massa, só se pode criar um sindicalismo autêntico com um programa combativo mais amplo. A chapa 2 ainda se deixou marcar por estreiteza em algumas posições e na composição de suas fileiras.

Em terceiro lugar, não basta formular orientações puramente sindicais numa época em que o mo-

vimento participa das lutas políticas gerais, junto com camadas cada dia maiores da população. Neste sentido, embora pessoas mais avançadas que compunham a chapa 2 defendessem claramente a luta por uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana, a chapa silenciou sobre esta questão e sobre a luta política geral contra o regime militar.

DAR A VOLTA POR CIMA

Apesar disto e das debilidades organizativas, em vários lugares a campanha levantou o debate e criou condições para elevar o nível do movimento sindical. É hora de fazer um balanço autocrítico, reorganizar as forças, dar a volta por cima e procurar fortalecer o sindicato, como instrumento de toda a categoria. Mesmo discordando da atual diretoria, os operários mais conscientes têm a tarefa de participar de forma construtiva do movimento sindical.

(Da sucursal)

PIRACICABA E FORTALEZA

Em Piracicaba, no interior de São Paulo, e em Fortaleza, no Ceará, também já foram apurados os votos das eleições metalúrgicas. Nos dois lugares os pelegos ganharam, sendo que em Piracicaba a situação ficou com 3.100 votos, enquanto outras duas chapas conseguiam 820 e 870 votos, não sendo necessário segundo escrutínio.

Já em Fortaleza a Chapa 1, de Oposição, encabeçada pelo combativo Guerreiro, terá nova chance de derrubar a imobilista diretoria. Também concorreram 3 chapas: a situação ficou com 203 votos, a chapa 1 com 182 e uma chapa dirigida por um membro do PT com 40 votos.

O que se nota é que nos dois lugares houve pouca participação da categoria. O número de sindicalizados é pequeno, o que, sem dúvida, favorece os pelegos, que contam com toda a máquina assistencial. As oposições, entre outras falhas, esqueceram-se de uma questão vital para vitória nos sindicatos: a sindicalização em massa e a tempo.

PEÕES DA CONSTRUÇÃO CIVIL-ES

8 mil grevistas em Tubarão

Serra, pequeno município colado a Vitória, no Espírito Santo, acordou na segunda-feira, dia 25, com 8 mil peões da construção civil em greve. Eles trabalham em várias empresas particulares no canteiro de obra da Companhia Siderúrgica de Tubarão. Os motivos da paralisação, entre outros, são as desumanas condições de trabalho e os baixos salários.

Há expectativas de que a greve se prolongue por mais alguns dias e que se estenda ao restante dos 40 mil operários da construção civil na Grande Vitória. Valdemar Almeida, diretor do Sindicato da Construção Civil, declarou à **Tribuna Operária** que todos os operários estão sendo desrespeitados pelos patrões nas decisões tomadas no último dissídio. Agora os operários exigem 60% de aumento.

1.500 EM PASSEATA

No segundo dia de paralisação 1.500 operários, apesar da forte chuva e da ostensiva presença das tropas de choque da polícia, fizeram uma passeata pelo centro de Vitória, dirigindo-se ao sindicato da categoria



Transportados em caminhões operários no interior de Tubarão.

no Morro do Quadro. O sindicato, que atualmente conta com uma diretoria combativa recém eleita, dirige a greve, o que dá maior chances de vitória aos operários.

Durante a assembleia um delegado sindical de Vila Velha, municí-

pio próximo a Vitória, alertou para a possibilidade de até o fim da semana seus companheiros pararem também. "Hoje, ou a gente janta ou almoça. Fazer as duas coisas não dá não. O salário é muito baixo". Tam-

bém denunciou a tirania das firmas, que chegam a agredir os operários, exigindo maior produção.

A possibilidade da polícia intervir é grande. Até o momento nem o governo ou os patrões se pronunciaram. Apoio político já está sendo dado. O novo presidente do diretório Regional do PMDB do Espírito Santo, deputado da Tendência Popular, Dilton Lirio, chegou inclusive a acompanhar a passeata e a participar da assembleia, juntamente com outros deputados do PMDB e do PT.

SELVAGERIA CAPITALISTA

A selvageria cometida pelas empresas, que empregam pedreiros, ferreiros, marceneiros, oficiais, é grande. A sede de lucro e o alto ritmo da produção são fatores que levam os operários à luta. Segundo denúncias numa das empresas, a Construtora Alcindo Vieira (Convape) existem até celas privadas e os operários são obrigados a assinar suas demissões por justa causa, deixando de ganhar os direitos trabalhistas.

(Sucursal de Vitória)

CAMPANHA DOS GRÁFICOS E TÊXTEIS-SP

Golpe e humilhação

A diretoria do sindicato dos gráficos de São Paulo deu um verdadeiro golpe na categoria. Até o derradeiro momento falou até na possibilidade de uma greve para romper a intransigência patronal, só que no último instante fez um acordo com os patrões sem consultar a assembleia, desrespeitando a classe.

Um grupo de representantes da Abril Industrial chegou a apresentar um documento de "veemente protesto" na última assembleia, dia 16. O documento critica o acordo de bastidores, quando "a disposição dos gráficos estava aumentando a cada reunião. Se isso fosse levado em conta e se essa disposição fosse mais encorajada nossas conquistas teriam sido bem maiores". O acordo assinado dá aos gráficos um aumen-

to de 9% de produtividade para primeira faixa; piso de Cr\$ 7.488 etc.

Os 400 têxteis presentes à última assembleia, dia 16, aprovaram a proposta patronal de aumento salarial, com 7% acima do INPC para quem ganha de 1 a 3 salários mínimos e piso de Cr\$ 7.500. Conforme vários oradores destacaram, o acordo é ruim. "Este aumento é uma migalha, uma esmola. Com ele vai ser muito difícil pagar o aluguel, comprar o feijão ou leite".

Mas apesar disto e mesmo concordando-se que "a greve é uma forte arma do peão para pressionar os patrões", todos concordaram que era muito difícil ir a greve, já que a categoria está desmobilizada. Agora o negócio é dinamizar o sindicato e melhorar a organização nas fábricas.



Uma eleição que a Volks financiou e motivou a votação.

VOTAÇÃO NA VOLKS-SP

Ganhou João Ferrador

Causou surpresa a todos a grande participação dos operários da Volkswagen, que transformaram as eleições do "sistema de representação", controladas pela empresa, num protesto de massa. Votaram cerca de 90% do total dos 43 mil funcionários da poderosa indústria alemã, que tem fábricas em São Bernardo, Taubaté e São Paulo.

O grande vitorioso nas eleições para as "comissões de fábrica" da Volks foi o **João Ferrador**, símbolo da união dos trabalhadores de São Bernardo em torno do seu sindicato e em apoio à sua diretoria cassada. A firma não diz exatamente quem votou no João Ferrador, é lógico. Mas divulgou que apenas cerca de 40% dos votos foram válidos. O restante votou nulo, ou em branco.

O boicote às eleições foi dirigido pela diretoria cassada do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo e contou com apoio no interior da fábrica de operários que colocaram adesivos, ameaçaram os candidatos, etc. Serviu como um impulso para a luta dos metalúrgicos do ABC pela retomada do sindicato, pelas liberdades sindicais. Também pôs na ordem do dia, objetivamente, a luta firme e decidida pelas comissões de fábrica de verdade e pelo delegado sindical.

PEDREIROS-GO

Artimanhas dos pelegos

O presidente do Sindicato da Construção Civil de Goiânia, Patrocínio Braz Constantino, tentou enganar mais uma vez os trabalhadores.

Estando as eleições marcadas para os dias 10, 11 e 12 de janeiro, os operários da construção civil estavam aguardando o dia para inscrever uma chapa de oposição. O que o pelego fez foi, aproveitando-se da arbitrariedade portaria 3437 sobre eleições sindicais, colocar o aviso somente no Diário Oficial.

Como todo "bom" pelego, Patrocínio se utiliza de todos os recursos da fascista estrutura sindical brasileira para impedir que o sindicato esteja nas mãos dos trabalhadores. A estrutura sindical os cria e os mantém. Lógico, até o momento em que a classe operária se levanta e entende as manobras do inimigo, atacando inteligentemente.

COMISSÃO DE CONCILIAÇÃO

Nestes três últimos anos de grandes lutas da classe operária, apesar das vitórias e conquistas alcançadas, o movimento sente a falta de uma organização mais profunda nas empresas, na ligação direta com os operários no interior da fábrica.

E os patrões, percebendo que a comissão de fábrica, bem organizada e reconhecida pelos trabalhadores, seria um obstáculo para manter a exploração desenfreada e as péssimas condições de trabalho, tomam a iniciativa. A Volks é a primeira, criando uma "comissão" que não luta contra o capital, mas que é para conciliação de classe.

Esta comissão de fábrica forjada pela Volks foi uma manobra política feita com esperteza. Mas a reação dos trabalhadores também foi decidida. Agora eles acompanham os fatos para traçar sua política, bem firme mas também feita com bastante esperteza.

Uma das atitudes no momento é pressionar os 23 "delegados" eleitos a assumir as reivindicações dos operários e, caso contrário, desmascarar vigorosamente a farsa. Diante do fogo de ambos os lados, resta ver se a "comissão de fábrica" conseguirá sobreviver ao seu mandato.



Vitória na Voith

São Paulo, SP — Os operários da Voith conseguiram que o "Dr." Cleber Servija fosse afastado do departamento médico da firma. Este médico patronal deu pouca atenção à doença de José Aparecido, que poucas horas depois faleceu. Com muita disposição abaixo-assinados, colagem de folhetos nos banheiros, etc. os operários pressionaram a firma, que também indenizou e melhorou o atendimento médico. Muitas entidades deram apoio a esta luta: Sindicato dos Metalúrgicos de SP, Centro de Cultura Operária de Pirutuba, o PMDB e PT da região. Num destes gestos de solidariedade dois membros do CCO foram presos distribuindo folhetos, logo sendo liberados. Agora o sindicato está processando a Voith e sindicalizando os operários da firma.

Barra pesada na Caio

Metalúrgicos, SP — Os 1500 trabalhadores da Caio, na zona Leste, vivem um verdadeiro suspense, parece até filme de terror. As condições de trabalho são tão perigosas e a poluição é tão grande que todos na produção correm risco de vida. A pintura espalha tinta por toda parte e, o que é muito grave, a empresa não fornece guindastes para o pessoal que coloca as laterais dos ônibus. Olha que são trezentos quilos!

A Fichet parou

Santo André, SP: — Mais uma vez a empresa metalúrgica Fichet atrasou o salário dos funcionários. Ele deveria sair dia 12 e até o dia 14 não havia saído. Mas os operários da Fichet são gatos esquelados e vários setores paralisaram suas atividades por mais de duas horas.

Os patrões, ao verem a disposição de luta, tentaram amedrontar o pessoal, mas nada conseguiram e o dinheiro acabou aparecendo. Afinal a Fichet tem 2.143 empregados e teve um lucro líquido de 30 milhões de cruzeiros no ano passado. Aonde está escondendo o dinheiro?

Alegria dos colonos

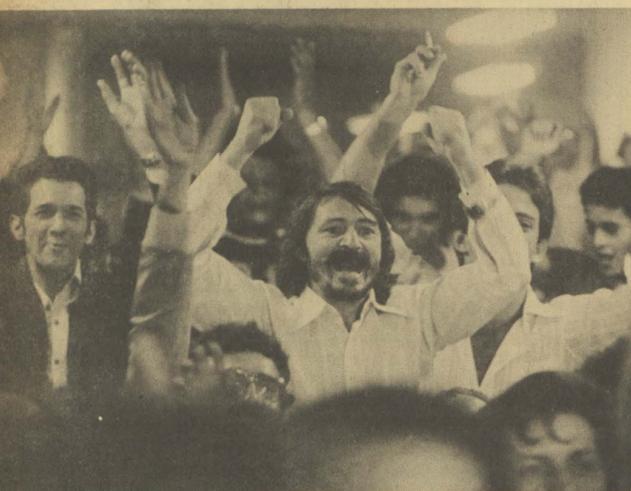
Colonos, RS: — Em passeata pelas ruas de Porto Alegre, com muita cantoria, os colonos expulsos das áreas indígenas de Nonoai e Planalto comemoraram uma grande vitória. Desde o dia 4 de novembro eles estavam acompanhados em frente ao palácio do governo pressionando as autoridades para que cedessem uma área às 120 famílias sem terra. Agora a Secretaria de Agricultura prometeu moradia definitiva em terras do Estado, além de adubo, semente e utensílios agrícolas, num prazo de 30 dias. Apesar disto os colonos prometem continuar organizados para novas lutas e para garantir o cumprimento da promessa. (Da Sucursal)

"Nunca desistir"

Papeiros, SP — A Chapa 2, de Oposição, do sindicato dos trabalhadores em Papel e Papelão, perdeu as eleições sindicais (1677 a 1094). Por mais três anos os 17 mil operários do setor terão que conviver com o super-pelego Israel de Oliveira, que nem no sindicato aparece. Para o oposicionista Feliciano Fernandes vários fatores contribuíram para a derrota, desde a lei fascista sobre as eleições, que privilegia a situação; fraudes nas urnas; ajuda financeira e eleitoral dos patrões (exemplo: os da Adams e Fabricadora); até as falhas dos sindicalistas da oposição que tinham pouca participação no sindicato e muita inexperiência. "Mas a luta continua, porque a gente deve insistir, persistir e nunca desistir", afirma Feliciano.

Vencer a opressão

Lavradores, MA — 1500 pessoas em Póço das Pedras e 800 pessoas em Esperantinópolis foram às ruas protestar contra os grileiros e as violências policiais. O Manifesto dos lavradores de Póço das Pedras afirma: "Só na força da união venceremos a opressão".



A alegria estampada nos rostos na votação pela greve.

GREVE DOS PADEIROS-SP

"A vontade de parar"

Apesar das inúmeras dificuldades de organização da categoria, com 30 mil trabalhadores espalhados em cinco mil estabelecimentos, os padeiros da cidade de São Paulo fizeram uma greve que durou dois dias, dando mostra de combatividade e decisão. O grito de basta de miséria foi dado dia 12, numa assembleia com cerca de mil padeiros.

Já na madrugada pequenos grupos de dez pessoas saíram pelas principais ruas em piquete, chamando os companheiros para a luta. "Estava todo mundo com vontade de parar. O pessoal está sentindo a carestia na pele", comenta um dos piqueteiros. Os "arrastões" chegaram a juntar mais de 200 piqueteiros nas ruas.

Cerca de 40 por cento da categoria pararam de madrugada. Todos os "bons de briga", na assembleia falavam de suas proezas na primeira lição de greve. "Teve negro que pulou o muro para acompanhar a gente no piquete... Agora teve um filho de rapariga, puxa-saco do "português", que não quis parar. Ai a gente trouxe o cara pelo pescoço", conta um cearense de 16 anos, padeiro no bairro do Jardim Miriam.

AÇÃO DA POLÍCIA

A atuação da polícia na repressão à greve foi pequena mas existiu e com bastante violência. Na Vila Mariana uns cem piqueteiros foram presos de uma vez só. Na Lapa também houve detenções. Nas gran-



Patrocínio, um grande pelego.

Por exemplo: o traícoeiro Patrocínio se enganou ao pensar que os trabalhadores se renderiam à sua turma. Pelo contrário, a chapa de Oposição está agora cada vez mais forte junto aos operários em luta pela conquista desta arma de defesa contra a exploração. (da Corresponsável)

fala o POVO



"Fala o Povo" vem recebendo um número cada vez maior de cartas de operários. Isso evidencia que nosso jornal vem começando a ser de fato uma **Tribuna Operária**, a serviço do presente e futuro de sua classe. Também chegam inúmeras cartas dos trabalhadores agrícolas, camponeses, de todo esse interior sofrido e abandonado do Brasil. E cartas de trabalhadores em geral, donas-de-casa, estudantes, diversos setores. Isso mostra que as idéias da classe operária interessam a todos os setores oprimidos, a todos os que querem libertar-se deste regime e construir um mundo novo. Continuem a escrever. "Fala o Povo" é uma ponte entre nosso jornal e seu público leitor. E por isso mesmo precisa ser cada vez mais fortalecido.

(Olivia Rangel)

OPINIÃO DE METALÚRGICO DE SANTO ANDRÉ-SP

Queremos participar

Trabalho para uma multinacional disfarçada de indústria brasileira, onde se pode notar, sentir e viver a mais cruel e bestial opressão sobre o trabalhador simples, indefeso e sem recursos.

Doi profundamente saber que a situação reinante nesta empresa é tão somente uma pequena amostragem da realidade em que vive o trabalhador neste país, seja na fábrica, no campo, na construção civil, no escritório ou em qualquer lugar onde esteja ele, o verdadeiro construtor da Pátria. É necessário que se denuncie e que não se esqueça que o trabalhador brasileiro está sendo cruelmente explorado e podado nos seus mais justos anseios e aspirações.

Em decorrência dessa situação, começa-se a perceber uma certa apatia e sobretudo um descontentamento geral em relação ao atual sistema trabalhista. Por detrás dessa insatisfação generalizada vê-se nitidamente que o trabalhador brasileiro está cansado de ser ex-

plorado, de vender-se como mercadoria de baixo preço, de prostituir-se 8 horas ou mais por dia em troca de quase nada. O trabalhador quer, precisa e tem direito de participar!

Fazendo minhas as palavras do comandante Che Guevara, posso afirmar que a causa real e imediata de toda a insatisfação no meio trabalhista está intimamente ligada ao fato do trabalhador não estar unido ao seu trabalho. Está ligada ao fato do trabalhador não ter direito de participação nos resultados da sua própria realização.

A despeito dos interesses imperialistas e de toda a força mercenária que atua nesse país, nós, trabalhadores, estudantes, donas-de-casa, unidos sob uma mesma bandeira e um mesmo ideal de uma sociedade justa e igualitária, haveremos de, através de uma luta consciente e sem tréguas, derrubar esse aparelho odioso montado para explorar e roubar do Brasil.

(L.S.M. - Santo André, SP)

PATRÃO. O SR. JOÃO MORREU ESMAGADO O QUE VAMOS FAZER?

MANDE ENTERRAR COLOQUE OUTRO NO LUGAR. NÃO PODE ATRAZAR A PRODUÇÃO. ANDE LOGO...



OPERÁRIOS DA MERCEDES BENZ DE CAMPINAS-SP

Morte na empresa

Apelamos para a **Tribuna Operária** para fazermos a denúncia das circunstâncias revoltantes em que perdeu a vida um dos nossos companheiros da Mercedes Benz de Campinas, no dia 23 de outubro último.

O operário João Carlos dos Santos trabalhava na linha de pré-montagem da seção 1866. Esta linha funcionava sem segurança para os trabalhadores, pois entrava em operação sem alarme e sem que a chefia se preocupasse sequer em verificar se os operários haviam terminado suas tarefas.

João Carlos dos Santos foi destacado pela chefia para substituir um trabalhador que estava na enfermaria, e já iniciou o serviço com a produção atrasada. A fome insaciável de produção fez com que a chefia, desdenhando o fato do atraso, colocasse a linha para correr. E João Carlos foi colhido pelo ombro enquanto trabalhava, tendo parte do pescoço e do tronco esmagados, ficando preso na parte elevada da linha. Como a gerência não permitiu que a linha fosse cortada de maçarico

para que se pudesse retirar o operário, ele ficou preso por 55 minutos, o que o levou à morte, pois o tempo era um fator importantíssimo para o salvamento de sua vida.

O resgate só foi feito depois que decidiram amputar o braço de João Carlos e segundo os médicos da firma ele havia sofrido uma parada cardíaca. Eles tentavam encobrir o fato de que ele já estava morto.

No dia seguinte, os companheiros de seção desejavam estar presentes ao sepultamento do sinistrado e sofreram pressão por parte da chefia, que não desejava que o fato viesse interromper a produção. Foi necessário mobilização geral da turma para que lhes fosse concedida autorização para se ausentarem do trabalho para dar seu adeus ao colega tão tragicamente arrebatado à vida. A chefia queria que fossem só algumas pessoas para o sepultamento. Ai houve uma mobilização no setor todo e acabamos todos indo.

(Um grupo de funcionários da Mercedes Benz - Campinas, SP)

OPINIÃO DE UM OPERÁRIO

Formar a Central Operária

Fiquei muito satisfeito em ver o progresso de conscientização de luta e de organização que cresce no meio da classe operária. O espírito de luta, o espírito de união e a vontade de vencer farão com que nós derrubemos estes ditadores que nos massacraram já há 16 anos, nos deixando na miséria.

Devemos agora formar a nossa central operária brasileira, para que a nossa luta não se torne uma luta individual e sim de âmbito nacional. Todos deviam se conscientizar da nossa importância perante os patrões: sem nosso trabalho nada poderá ser feito para este "nosso" país, se é que ele é nosso.

(J.I.M. - Fortaleza, CE)

OPINIÃO DE LEITOR-MA

Figueiredo tira a máscara: é o chefe ditador

Esta é a primeira vez que escrevo a vocês. Aproveito a oportunidade para, de viva voz, levantar o meu grito de louvor pelo excelente trabalho que este informativo vem realizando em prol da classe operária brasileira. A **Tribuna Operária** é um jornal onde o povo pode exteriorizar as opressões que, ao longo desses 16 anos, vem sofrendo.

Graças à boa vontade e ao idealismo dos caros jornalistas, a nossa gente está se conscientizando, está se integrando na real situação do país. Hoje vemos constantemente atos que revelam que a classe operária está saindo do ostracismo e vindo às ruas, organizando-se para lutar contra a forma arbitrária

EX-PRESO POLÍTICO

A lei da Shibata

Os milhares de flagelados e mutilados que miraculosamente conseguiram sobreviver nos porões da ditadura efetivamente conheceram os doutores "Cibalena", "Beserol" etc., que serviram a ditadura nos quartéis e presídios políticos brasileiros até bem recentemente. Os médicos eram conhecidos com esses nomes porque sempre davam esses comprimidos para "curar" os males contraídos pelos torturados do regime.

Mas enquanto alguns médicos davam remédios, outros contribuíam para assassinar as vítimas já presas, manietadas e indefesas. Um exemplo é o famoso carrasco Dr. Shibata que, assinando laudos mentirosos, protegia os torturadores, condenando desta forma centenas de patriotas à morte.

O povo sempre culpou o regime por esses crimes e hoje começa a cobrar a punição dos culpados. Foi assim que o Conselho Regional de Medicina — entidade que controla a atividade dos médicos — respondendo aos anseios da categoria e da opinião pública nacional e internacional resolveu punir esse filho do regime, Harry Shibata. Mas mal esse monstro começava a pagar sua pena e eis que o regime corre em sua ajuda, aprovando a lei 6.838.

Fatos como esse não são novos. A exemplo da Lei Fleury, feita para proteger o carrasco Fleury, esta bem poderia chamar-se Lei Shibata. Em comum, as duas protegem as mãos da chibata, protegem os carrascos do regime. O regime socorre mais este fruto de seu arbítrio.

(Um ex-presos político - São Paulo, SP)

METALÚRGICO-MG

Trabalhar de muleta

A Companhia Aço Especial Itabira, instalada no município de Timóteo (Minas Gerais) obriga seus operários acidentados, sem a menor condição de se locomover, a irem para o trabalho cumprir a jornada normal.

Eu vendia jornal na porta da empresa quando encontrei um operário com as duas pernas queimadas. Formamos um grupo de operários que confirmaram que mais de dois por cento (2%) dos operários da empresa vão para o serviço de muletas para cumprir o regulamento.

(Um grupo de operários da Aço Itabira Timóteo, MG)

OPERÁRIOS DA ESTRELA-SP

Sindicato é para luta

A produção sai muito bonita. Bonecas, brinquedos de madeira e de plástico, jogos saem aos milhares das linhas da produção da Fábrica de Brinquedos Estrela S/A. E todos custando tão caro que a gente que os produz não pode comprar, pois o salário é miserável.

Essa produção colorida esconde a mais brutal exploração e violência. Na Estrela a chefia obriga a gente a aumentar constantemente a produção, senão leva advertência. Os médicos devolvem os operários mais doentes para a produção, sem a menor preocupação. Há poucos dias um companheiro com o braço quebrado foi encaminhado de volta para a seção enquanto aguardava, trabalhando, o resultado do Raio X, que ia demorar cinco dias.

Não há higiene. Só tem papel higiênico e sabão no banheiro da chefia. A exploração também é grande no bar da fábrica, onde os preços são mais altos do que nos bares vizinhos e a comida é a pior que tem.

Agora nós aprendemos que só a lamentação não resolve o problema estamos lutando para melhorar os salários e para sermos respeitados dentro da fábrica. Estamos exigindo que as horas extras sejam pagas com 100% de aumento, mesmo

FERROVIÁRIO DE BOM JARDIM-MG

A ferrovia da amargura

Vivendo e trabalhando no canteiro de obras da cidade de Bom Jardim de Minas, tenho observado de perto o que é a máfia governamental, o abuso sobre os operários que trabalham na construção de túneis.

Eles passam ali 12 horas por dia, de segunda a sábado, respirando poeira, óleo diesel queimado e concreto projetado. Este último leva a mistura de um aditivo, o **sigurit**, este terrível alterador da química de nosso corpo. Não é de hoje que observo pedes saindo destes túneis, vomitando tudo, até sangue, pedindo para ser transferidos para a central de concretos, onde o pó de cimento e de concreto existe em menor quantidade. Nos túneis de rocha, vários são os que já perderam membros em detonações falhadas. Outros já foram gravemente feridos, se é que não houve mortes, pois os feridos são levados para tratamento em Juiz de Fora e deles não se têm mais notícias.

Isto tudo está acontecendo na construção da famosa "Ferrovia do Aço", principalmente com a Construtora Mendes Júnior. Esta companhia nem aparelhos de proteção oferece aos operários, nem mesmo máscaras de filtro. Lá eles trabalham totalmente expostos ao cheiro do óleo, do concreto e do **sigurit**. Alguns têm medo de pedir aparelhos de proteção e serem manda-



dos embora. Outros pediram aumento e não ficaram mais de uma semana no serviço, tal a repressão.

Enquanto isso ocorre com os pedes nos túneis, os patrões enchem seus bolsos, seja com seus ordenados, seja com subornos. A Engefer paga às empreiteiras por produção. A partir disso, a cúpula de encarregados e engenheiros trama várias coisas para aparentar maior produção do que a real, inclusive subornando alguns operários.

Isso é muito mais ocorre na "Ferrovia do Aço". Quando os vagões já estiverem transportando para as multas, ninguém contará a história de sua construção, as perdas e injustiças. Ai já haverá outro tipo de exploração em cima dos operários. Isto está ocorrendo em Bom Jardim de Minas, mais uma barbárie do capitalismo. Assim, nossa luta é contra isso.

(Um operário da ferrovia — Bom Jardim, MG)

OPERÁRIO DA SADIÁ-PR

Exploração a toda prova

Na Sadia, poderoso grupo econômico situado em Toledo, Oeste do Paraná, ocorrem coisas estranhas.

O grupo praticamente controla a economia da região e os políticos do PDS, que fazem tudo o que a poderosa Sadia manda. O povo da região enfrenta mil problemas com esse sistema. Os suinocultores são obrigados a vender os porcos a preços abaixo do valor, enquanto a Sadia é quem tipifica o produto e os preços são de acordo com a classificação da qualidade do produto.

Por outro lado, os que mais sofrem são os operários. Com salários baixos, vivem numa situação de penúria e ex-

ploração. A ditadura da Sadia chega ao ponto de não aceitar que se fale ou se proponha sindicalização. Os mais ousados correm o risco de perder o emprego.

Quando à insalubridade, diversas seções onde por lei se deveria ser pago, a empresa não paga. Para uma firma com centenas de mulheres, não tem creche própria e sim apenas um convênio que não satisfaz as necessidades. A firma exige que quem entre assine carta de fiança, comprometendo-se a pagar prejuízos de acidentes, etc.

A maioria dos operários nem tem carteira de INPS, pois a empresa retém a carteira profissional e quem quiser ir

em médico tem que ir nos médicos do convênio. Tem gente com a carteira profissional retida há muitos anos, contrariando a lei que diz que a empresa só pode retê-la por 72 horas.

Não há ônibus da firma para os operários. Há uma super exploração e muita opressão para que a produção se acelere cada vez mais.

Uma menina que trabalhava como burro de carga estava doente e a chefia nem ligava. Aconteceu dela se sentir mal e desmaiar. Levada para o médico ficou internada um bom tempo. Quando voltou, foi demitida.

(Um colaborador da Tribuna Toledo, PR)



COMISSÃO DE BAIROS DE CONQUISTA-BA

Ou vai ou racha

A Empresa Bahia de Saneamento é responsável pelo serviço de água da cidade desde 1965, quando assinou convênio com a Prefeitura. No convênio ela se comprometia a fornecer água para 150 mil pessoas até 1980. Hoje Conquista tem 180 mil habitantes, mas apenas 95 mil têm ligação de água. Muitas das casas que têm ligação há vários meses ainda não receberam uma gota d'água. Isso significa que metade da população de Conquista (95 mil pessoas) não têm água encanada em casa, vivendo de água do poço ou do favor de quem tem água encanada por perto. Isto é um absurdo quando se sabe que Conquista é uma das poucas cidades do Estado que dá lucro à Embasa (que deveria se chamar Empresa Bahiana de Safadeza). Só não falta água no centro da cidade onde moram os ricos.

Mas o povo já está se revoltando com esta situação. Em março foi feita uma concentração de 500 pessoas para protestar contra a Embasa. A partir de outubro foi reorganizada a Comissão de Bairros e os trabalhadores e donas-de-casa de periferia voltaram a se reunir. Já houve reuniões em três bairros de Conquista sendo que a última, realizada na Patagônia no dia 22 de outubro, contou com a presença de mais de 300 pessoas. As reuniões vão continuar.

O povo tem mostrado nessas reuniões que está disposto a resolver de uma vez por todas essas calamidades. Ou a Embasa cumpre o convênio ou a Prefeitura vai ter que denunciar este convênio, expulsando a Embasa de nossa cidade e assumindo o serviço de água. Desta vez ou vai ou racha!

(Comissão de Bairros de Vitória da Conquista, BA)

ALUNOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA-CE

Chega de arbítrio

Nesta oportunidade, gostaria que fosse notificada a extinção dos cursos de História e Geografia. A idéia está sendo pregada pelo deputado e conselheiro Paulo Natanael Pevine de Sousa.

Nos, estudantes do curso de História da Faculdade de Filosofia do Crato, estamos dispostos a lutar com outros estudantes dos cursos de outras faculdades, pois achamos importante a continuidade do curso de História e Geo-

grafia, para que o estudante tenha visão crítica da nossa História. Vejam bem: com um curso de 4 anos não saímos ainda preparados para a profissão. Imaginem um curso de dois anos, como é o caso de Estudos Sociais!

Vimos de público protestar contra mais este ato de arbitrariedades das autoridades educacionais!

(Grupo de estudantes de História de Crato, CE)

Vítimas da seca no abandono

Se o governo não resolve o problema, o povo tem que resolver

O general Figueiredo disse que queria ver a seca no Nordeste. No Ceará é que não viu, pois visitou o projeto de irrigação do DNOCS em Icó, um verdadeiro oásis no sertão. Na visita, o general concluiu "sabidamente" que "o problema do Nordeste é água". E deu solução não menos engenhosa: "Só Deus sabe quando acabará a miséria na região".

Enquanto joga a responsabilidade em Deus, que mais tem feito o regime dos generais pelo Nordeste flagelado pela seca? Promete fundos e fundos. Propaganda já ter liberado 16 bilhões de cruzeiros, através do "Plano de Emergência". E dá a situação por resolvida.

"ACABOU TUDO"

A verdade, porém, é bem outra. Dos 13 milhões de sertanejos nordestinos flagelados (veja o quadro ao lado), na maioria camponeses pobres, apenas 711 mil estão sendo assistidos, segundo dados da Sudene. As "frentes de trabalho" utilizadas no passado, foram substituídas pelo "Plano de Emergência", mas a maioria continua entregue à própria sorte.

O Estado do Ceará, no seu segundo ano de seca, já perdeu cerca de 70% da produção de feijão, milho e algodão. Arroz, quase 100% perdidos. As próprias autoridades estaduais reconhecem que existem pelo

menos dois milhões de cearenses flagelados. O Plano de Emergência, no entanto, atinge apenas 200 mil.

Em Crateús, município com 40 mil habitantes na zona rural, foram liberadas bolsas para mil trabalhadores. Em Muriti, na região do Cariri, há 2.015 alistados para dez mil necessitados. E o mesmo se repete em toda parte. Um trabalhador de São Luiz do Curu confirma: "Aqui não saiu nada de emergência. O pessoal estava escapando com o pouco que deu (a safra), mas agora acabou tudo".

SALÁRIO 82, FEIJÃO 130

Além de assistir apenas 10% dos atingidos pela seca, há a questão dos salários pagos pelo governo. "É simplesmente uma vergonha os 82 cruzeiros de diária por trabalhador adulto, quando o preço do feijão varia de 90 a 130 cruzeiros conforme a região", afirma Assis, delegado regional da Federação dos Trabalhadores Rurais no Crato. E quem é menor de idade só recebe 41 cruzeiros. Quando recebe, pois um levantamento realizado pela Comissão Pastoral da Terra em Crateús mostrou que a grande maioria dos que trabalham de julho a setembro só receberam em começos de novembro o correspondente a sete dias.

CORRUPÇÃO A RODO

Os sindicatos denunciam também as faltas e o favorecimento

Abaixo, leva de flagelados; ao lado sindicalistas numa manifestação

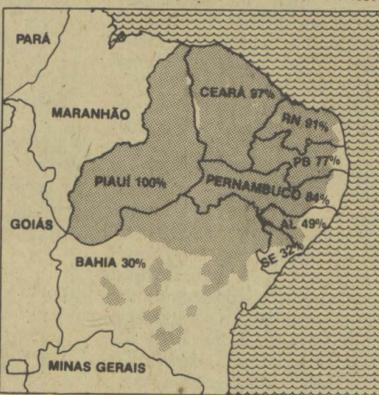


de grandes proprietários, com o dinheiro da "emergência". Nilton, presidente do Sindicato de Muriti, acusa: "O dinheiro que a Gescap está mandando não está valendo pra nada. Só serve aos grandes proprietários, que se beneficiam de influências políticas, como o desembargador Aurino (no caso de Muriti)".

Em conversa particular, Olívio, agrônomo dos Bezerra — o maior grupo econômico do Cariri — deixa escapar a confirmação disto. Só as "Fazendas Reunidas", uma das propriedades dos Bezerra, conseguiram financiamento da ordem de 10,5 milhões.

O quadro da seca

Fonte: O Estado de S. Paulo, 19/10/1980



ESTADOS	População atingida		Área atingida	
	Total	%	Km2	%
Piauí	1.988.228	100,00	250.934	100,00
Ceará	3.794.061	74,23	143.334	97,63
R.G. Norte	1.282.230	69,09	48.538	91,55
Paraíba	1.284.860	48,03	43.642	77,42
Pernambuco	2.253.750	38,51	82.649	84,09
Alagoas	634.832	35,53	13.647	49,35
Sergipe	13.464	13,47	7.126	32,40
Bahia	1.725.770	20,45	170.349	30,42

ÁGUA NEM PARA BEBER

Toda esta situação de calamidade obriga os camponeses a buscar suas soluções. Reunidos em Fortaleza, os sindicatos elaboraram já em 20 de maio um documento às autoridades, fazendo reivindicações em onze pontos que podem ser resumidos em "Trabalho, Comida e Salário Jus-

to". A resposta veio através do Plano de Emergência. Começaram então as manifestações de protesto às dezenas. Mas de nada adiantaram, assim como não foram ouvidos os pelegos da oposição, da Igreja e mesmo de setores do próprio partido do governo.

Hoje, o quadro é extremo. Falta trabalho e não há mais alimentos. Começa a faltar até água para beber. Em desespero, os trabalhadores rurais invadem cidades em busca de comida. As ameaças de saques tornam-se constantes. Foi o que aconteceu em Muriti, há dez dias, e, agora, em Crateús. No Carmo e em São José do Belmonte, Pernambuco, o povo faminto chegou a assaltar feiras no início do mês.

APONTANDO A SOLUÇÃO

Os camponeses vão percebendo que a solução dos problemas do Norte terá que partir deles, de sua organização e intervenção decidida, junto com o povo trabalhador das cidades e de todo o Brasil.

Os sertanejos sabem que o problema do Norte não é falta d'água, pois esta existe em grande quantidade, só que nos açudes que só servem aos interesses dos latifundiários.

Nas manifestações camponesas deste ano, que juntaram até dez mil pessoas, as faixas e palavras de ordem apontavam a solução: "Terra para quem nela trabalha" e "Um novo governo, realmente representativo dos trabalhadores e do povo brasileiro". (Sucursal de Fortaleza).

Tribuna Operária



PROFESSORES EM LUTA

ESTA GREVE FOI NACIONAL!

O movimento da categoria recordista em greves este ano

Mais de 33 mil professores de vinte universidades federais espalhadas pelo país estão em greve por tempo indeterminado. É a primeira paralisação a nível nacional de uma categoria após o golpe militar de 64.

Os primeiros foram os professores de Goiás, onde hoje está instalado o Comando Geral de Greve, que congrega todas as Associações de Docentes. Agora se preparam grandes manifestações, onde os trabalhadores expõem suas forças frente à intransigência do governo, que, com contradições entre os ministérios, mantém-se irredutível. As exigências dos professores universitários são: abono de 48% a partir de março deste ano; 12% do orçamento federal para Educação; reestruturação da carreira do magistério.

GARRA E UNIDADE

"A intransigência do governo militar e a crise profunda por que passa a universidade e o país são os principais responsáveis pela deflagração da greve. E só a vacinação de alguns setores levou a que a greve fosse decretada só agora", explica o professor Olival Freira, do Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia e membro do Comando de Greve.

Esta garra e unidade dos profes-

sores não se dá somente entre os das universidades federais. Sem dúvida está é a categoria que mais fez greve este ano. Os professores da rede estadual de mais de um terço dos Estados brasileiros paralisaram suas atividades no decorrer do ano. Dirigidos por suas entidades de classe, ampliaram e radicalizaram suas lutas salariais.

Grandes assembléias foram feitas, como no Paraná, com o Estádio Couto Pereira sempre lotado. O Centro de Professores do Rio Grande do Sul chegou a sindicalizar mais de dois mil professores durante a greve. Ocorreram passeatas e até o cerco do Palácio do Governo no Paraná, com a presença de 15 mil pessoas, só contidas pelas forças policiais.

Com esta decisão, vitórias foram conquistadas. No Rio Grande do Sul quase todas as reivindicações foram "engolidas" pelo governo e em Santa Catarina os professores tiveram seus salários dobrados.

O PORQUÊ DAS GREVES

O que levou os professores nacionalmente às greves? Várias razões contribuíram para esta arrancada, mas sem dúvida dois fatores são essenciais. Um primeiro é que esta categoria que até há pouco tempo era considerada "classe média", durante

os anos de regime militar foi se proletarizando. Os salários baixaram, o acúmulo de horários de trabalho aumentou e as condições do serviço pioraram. O governo anti-popular abandonou às traças o setor da educação.

E o segundo fator, a 'gota d'água que transbordou, foi a atitude recente do governo que, para "conter os gastos públicos", ao invés de acabar com as mordomias e corrupções, excluiu os servidores públicos (muni-

ciais, estaduais e federais) dos reajustes semestrais de salários. Com isto veio o rebaixamento ainda maior dos salários: este ano o reajuste dos professores paulistas, por exemplo, foi de 56% enquanto a inflação anual atingia a casa de 110%.

E as coisas prometem piorar mais ainda nos próximos 12 meses. O governo Maluf já adiantou que só dará 50% de aumento salarial para a categoria.

(Altamiro Borges)

NOVA DIRETORIA NA APEOESP

Congresso salvou entidade

Não são só os pelegos e os conciliadores que atrapalham a luta dos trabalhadores: Posições ultra-esquerdistas (nas palavras), estreitas e grupistas também são maléficas às categorias e suas entidades de massa, os sindicatos. Sob sua direção os sindicatos perdem a representatividade e o respeito, viram aparelhos de grupos.

Foi esta a conclusão da maioria dos delegados ao I Congresso da Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, que congrega 200 mil trabalhadores. E sob a pressão dos presentes, a

diretoria da Apeoesp solicitou sua demissão, que foi aceita.

A nova diretoria, eleita provisoriamente, terá uma tarefa difícil, até as próximas eleições sindicais em maio. Ela terá que sanar o descrédito da categoria e o desgaste político e financeiro em que se encontra a Apeoesp.

O Congresso também serviu para dar o golpe inicial na preparação da campanha salarial do ano que vem e aprovar no plenário a luta por uma Assembléia Nacional Constituinte, precedida do fim da ditadura.



"Protesto do Feijão" no centro da cidade de São Paulo. Ninguém aguenta!

RUMO AO CONGRESSO DO MCC

Sindicalistas contra carestia

Em meio aos preparativos para a realização de seu I Congresso Nacional, o Movimento Contra a Carestia vem procurando apoiar-se mais nos sindicatos. O objetivo é contribuir para que estes assumam efetivamente a luta contra a alta do custo de vida e a inflação, que interessa particularmente aos trabalhadores.

A Tribuna Operária entrevistou alguns dirigentes sindicais de São Paulo que vêm participando há algum tempo do Movimento, para saber o que eles pensam sobre os aumentos dos preços e sobre a luta contra eles.

CRISE SEM SAÍDA

José Sonni, tesoureiro do Sindicato dos Motoristas, acha que "não só o Brasil como todo o sistema capitalista está em crise sem saída. Dentro do sistema existente, os trabalhadores ficam cada dia mais pobres, devido ao êxodo rural, à grilagem, à rotatividade de mão-de-obra, etc. Existem atualmente cerca de 560 mil desempregados em São Paulo".

Luis Pedro Lima, suplente da diretoria, que participa da entrevista, completa: "O governo só pensa no capital, deixa o trabalho de lado. Eles (os patrões) não cumprem nem as leis que eles mesmos fazem". Por isso mesmo, como afirma Sonni, "todas as forças progressistas da nação têm que se unir em torno de objetivos comuns, como reforma agrária radical, a eliminação dos açambarcadores, o aumento das áreas de plantio de feijão e arroz etc."

IMPORTÂNCIA DO MCC

Raimundo Rosa Lima, diretor do Sindicato dos Padeiros, acha que, nesse sentido, o Movimento Contra a Carestia tem um papel muito importante, tanto quanto as lutas salariais. E explica: "Não adianta conseguir aumento, se depois vem o custo de vida deteriorando o salário. É preciso lutar também contra a infla-

ção. Por isso todos os sindicatos precisam participar da luta contra a carestia, que interessa a todos os trabalhadores. Nós vamos participar do Congresso do MCC, e também contribuir materialmente. E todos os sindicatos deveriam fazer o mesmo. Aliás, estou fazendo de tudo para que a Unidade Sindical assumam também o Movimento. E creio que brevemente ela estará fazendo isso".

Raimundo explica a importância do Movimento Contra a Carestia ilustrando com problemas que afetarão sua categoria e toda a população: "O governo está ameaçando retirar o subsídio do trigo. Isso significa que o pão e as massas em geral terão seus preços majorados em 100%, isso é muito grave. E essa luta não deve ser apenas dos padeiros, mas de toda a população. Daí a importância de um movimento como o MCC".

SÓ O SOCIALISMO RESOLVE

Mas o problema da carestia não será resolvido facilmente. "Não vemos à perspectiva de que o governo atenda nossas reivindicações — afirma Raimundo. A ida a Brasília foi um exemplo de como o governo trata os problemas do povo. Mas, como diz o ditado, água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Ou o governo atende às nossas reivindicações, ou terá que dar lugar a um governo que atenda os interesses do povo".

E Sonni completa: "Agora precisamos lutar também por uma Constituinte, que dê chance para o povo participar do poder. Mas isso é apenas a primeira etapa. Temos que prosseguir a luta. Na verdade, para resolver todos os problemas dos trabalhadores e do povo, é preciso mudar o sistema. A crise do capitalismo não tem saída. Só os trabalhadores, que tudo produzem, é que podem resolver os problemas do país. E isso será feito quando a classe operária governar o país. Em outras palavras quando for construído o socialismo".